

# O abismo que nos separa da Coreia do Sul

Antes economias semelhantes, hoje há uma grande distância separando Brasil e Coreia no que diz respeito ao desenvolvimento econômico. Mas o que o país asiático fez para se tornar rico além de tocar uma eficaz política industrial turbinada com estratégias com data de validade?

Se hoje a Coreia do Sul colhe os louros de sua bem-sucedida política econômica que a transformou em uma economia rica em poucas décadas, as razões para o feito não podem ser atreladas apenas a uma política industrial bem alinhada, ancorada em estratégias de longo prazo com data para acabar. Além dessa importante alavanca de crescimento, os coreanos também optaram em tocar, concomitantemente, suas políticas horizontais. São aquelas ações que acompanham o desenvolvimento industrial indiretamente, e que, sem dúvida, têm um papel fundamental para o sucesso do setor, influenciando positivamente a economia: investimentos maciços em infraestrutura e educação, melhora do ambiente de negócios, relativo controle da inflação e organização das contas públicas. Esse conjunto de fatores ajuda a entender as razões de a Coreia ter deslanchado e o Brasil continuar patinando. Foram escolhas certas, no período apropriado. “Olhar para trás, ajuda a entender o que deu errado para o Brasil. Até os anos 1970, ambos os países tinham renda *per capita* parecida, eram pobres. Mas no final desse período, os dois sofreram com a



## Ewha Womans University

Universidade feminina em Seul, capital da Coreia do Sul. Educação é um dos carros-chefes para o crescimento econômico do país.

crise mundial de petróleo. A diferença foi como cada um lidou com isso. A pergunta que fica é por que o Brasil continuou andando de lado durante 40 anos e a Coreia progrediu?”, enfatiza Mauricio Canêdo Pinheiro, pesquisador da Economia Aplicada do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), da Fundação Getúlio Vargas que, em seguida, responde sua própria indagação. “O motivo vem de dois fatores: das políticas horizontais que não foram feitas aqui e da política industrial que existe no Brasil, mas que não tem sido bem-feita até hoje.”

Foi justamente o sucesso de ambas as políticas que fizeram a Coreia chegar a uma renda *per capita* três vezes maior do que a do Brasil, de acordo com o economista. “Vários analistas acreditam que a Coreia deu certo principalmente devido à política industrial. Outros creditam o desempenho a fatores indiretos, apesar da política industrial. Acho que é algo no meio do caminho”, ressalta. De acordo com levantamento de Canêdo, a renda *per capita* do país asiático, em dólares, corrigidos pelo poder de compra da população (PPP) de cada país (proporcional à renda dos Estados Unidos), saiu de US\$ 1.074, em 1960, para US\$ 27.522, em 2011. Já o Brasil pulou de US\$ 1.982 para US\$ 9.300 no mesmo período.

No quesito educação, a Coreia também foi mais longe. Os 4,2 anos médios de estudo da população coreana acima de 15 anos, em 1960, cresceram para 12 anos, em 2010, segundo dados de Barro & Lee. No caso do Brasil, esse número foi de 2,5 para 7,9 anos. “É fato que o Brasil também melhorou economicamente e tem tentado recuperar o atraso, principalmente educacional,

mas como não fizemos o dever de casa lá atrás perdemos mais de 30 anos. A educação ficou parada nas décadas de 1970 e 1980. Achávamos que alavancando a indústria, a educação viria a reboque e não foi isso que aconteceu”, aponta Canêdo sem esquecer-se de alertar, inclusive, para a necessidade de melhora na qualidade de ensino dos brasileiros.

Do lado da infraestrutura, a discrepância entre as duas nações é ainda maior. Se considerados os avanços na área ligada a transportes (portos, ferrovias, estradas e aeroportos), obras fundamentais para expandir o esquema logístico da indústria, o desempenho do Brasil se assemelha aos países mais pobres. Já os coreanos figuram entre os mais ricos, de acordo com relatório do Fórum Econômico Mundial de 2013-2014. Numa escala de 1 a 7 (sendo 1 o pior nível e 7 o melhor), a Coreia fica às voltas do nível 6, seguindo a tendência dos países desenvolvidos, enquanto o Brasil está entre os níveis 2 e 3. “Somos um país de renda intermediária, mas nesse quesito, particularmente, nos equiparamos com os de renda mais baixa. Enquanto não mudarmos esse quadro não sairemos do lugar”, enfatiza Canêdo.

### Lição

Caminhar para uma abertura comercial, retirando aos poucos as amarras que protegem a indústria doméstica dos importados, é outra tarefa que precisa ser realizada aqui caso o país queira continuar progredindo. Até que cada área da indústria caminhasse com as próprias pernas, o país asiático concedeu crédito subsidiado a setores selecionados, através de seu banco público,

blindou seu mercado interno, abrindo-o gradualmente ao mercado internacional e, por último, ofereceu incentivos fiscais. Pode-se dizer que as estratégias coreanas em prol do setor industrial chegaram a ser parecidas com aquelas que o Brasil persiste em utilizar até hoje, com algumas diferenças que podem ser vistas a olho nu: a principal delas, o *time* certo de retirá-las, evitando insistir em uma autarquia que só serve para o país se prender em um ciclo vicioso anticompetitividade. “A grande sacada foi fazer tudo isso com prazo de validade. Houve planejamento. Se julgavam que determinado setor da indústria era importante desenvolver, agiam para que depois eles pudessem andar sozinhos. Quando você compara o grau de abertura de mercado do Brasil e da Coreia (medido pela soma das importações e exportações como proporção do PIB), percebemos que o nosso é o mesmo desde a época do presidente Juscelino Kubitschek”, lembra Canêdo. Para ele, a política industrial brasileira é extremamente autárquica, estagnada desde a década de 1960, 1970, e que não adianta pensar numa solução já para o próximo governo. É desenvolvimento de longo prazo. “A dificuldade é como conseguiremos nos tornar competitivos aos poucos. Não dá para abrir o mercado interno agora porque o empresário brasileiro sabe que sairá prejudicado; não há infraestrutura, mão de obra qualificada e ambiente de negócios adequados para competir com produtos estrangeiros. O desafio é ir melhorando essas coisas e ao mesmo tempo ir abrindo a economia para o mercado internacional”, sugere. (T.T.)